ISSN: 2358-8829

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE BELÉM DO PARÁ

Darciane do Socorro da Silva Martins [1]
Paulo Jorge Martins Nunes [2]

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil constitui uma etapa fundamental da formação humana, pois é nesse período que as crianças começam a desenvolver noções de identidade, convivência, respeito, percepção de mundo e compreensão das diferenças. Por isso, abordar as relações étnico-raciais desde os primeiros anos de escolarização é essencial para reconhecer, respeitar e valorizar a diversidade presente na sociedade (MARTINS, 2025, p. 68).

A educação antirracista na infância contribui para o enfrentamento de preconceitos, discriminações e estereótipos, favorecendo a construção de relações baseadas no respeito e na valorização das diferentes identidades. Nessa perspectiva, a escola desempenha papel importante na promoção de práticas pedagógicas que valorizem a história e a cultura afro-brasileira, indígena e dos povos tradicionais, em consonância com a Lei nº 11.645/2008, que institui a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo escolar. A educação antirracista deve, portanto, fazer parte do cotidiano escolar, e não se restringir a ações pontuais ou a datas comemorativas. Nesse contexto, a Escola Municipal Prof. Helder Fialho Dias desenvolve o projeto "A escola é o nosso quilombo: Identidade, representatividade e racismo", uma iniciativa institucional destinada a todos os níveis e modalidades de ensino ofertados pela escola. O projeto foi elaborado com o propósito de intervir nas situações-problema relacionadas às manifestações de preconceito, discriminação e racismo no ambiente escolar, promovendo ações educativas voltadas ao reconhecimento das diferentes identidades étnicas, à

[1]Mestranda do curso de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia– UNAMA, darcipedagogia@gmail.com
[2] Doutor em letras PUC MG, Pontedogalo3@gmail.com

ISSN: 2358-8829

valorização da história e da cultura afro-brasileira, indígena e do povo Warao, bem como à reflexão crítica sobre as diversas formas de racismo.

Diante disso, surge a seguinte situação-problema: de que maneira as práticas pedagógicas antirracistas desenvolvidas por meio do projeto "A escola é o nosso quilombo: Identidade, representatividade e racismo" contribuem para o fortalecimento do respeito à diversidade étnico-racial nas turmas do Jardim I e Jardim II da Educação Infantil?

Neste trabalho, apresenta-se um recorte das ações desenvolvidas no âmbito do projeto com as turmas do Jardim I e Jardim II da Educação Infantil. O presente artigo tem como objetivo geral analisar de que forma as práticas pedagógicas antirracistas desenvolvidas por meio do projeto "A escola é o nosso quilombo" contribuíram para o fortalecimento do respeito à diversidade étnico-racial nessas turmas. Como objetivo específico, objetiva-se identificar de que maneira as experiências vivenciadas favoreceram o respeito e a valorização da diversidade étnico-racial nas relações entre as crianças**.**

Assim, esta pesquisa apresenta um relato de experiência a partir das ações realizadas com as turmas do Jardim I e Jardim II da Educação Infantil. As práticas envolveram rodas de conversa, contação de histórias afro-indígenas, produções infantis, exibição de animações, filmes e exposição das atividades desenvolvidas pelas crianças. Essas ações buscaram ampliar a representatividade, fortalecer o reconhecimento das identidades e promover o respeito à diversidade étnico-racial.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritiva, desenvolvida por meio de um relato de experiência e de um estudo de caso. A investigação teve como foco as práticas pedagógicas antirracistas realizadas com as turmas do Jardim I e Jardim II da Educação Infantil da Escola Municipal Prof. Helder Fialho Dias, localizada na Ilha de Caratateua, em Belém, Pará.

As atividades incluíram brincadeiras afro-indígenas, musicalidade, exibição de filmes e animações, dança afro-brasileira, contação de histórias afro-indígenas por meio da mala viajante, oficinas de tranças com a participação de uma trancista e dos responsáveis pelas crianças, confecção de instrumentos musicais com materiais

recicláveis, grafismos indígenas com tintas naturais e produções artísticas, como desenhos, pinturas, colagens e autorretratos. Entre as histórias trabalhadas estavam *A pele que eu tenho*, de Bell Hooks; *O pequeno príncipe preto*, de Rodrigo França; *Koumba e o tambor Diambê*, de Madu Costa; e narrativas sobre a árvore baobá, relacionadas às culturas africanas. Essas experiências favoreceram conversas sobre identidade, cor de pele, beleza, pertencimento, diferenças e respeito ao outro. Também foi confeccionado o boneco "Eu sou assim", com papelão e tintas em diferentes tons de pele, permitindo que cada criança construísse seu autorretrato e falasse sobre suas próprias características. Por fim, em um sábado letivo, as quatro turmas da Educação Infantil, com o apoio das famílias, pintaram no muro interno da escola personagens e elementos das histórias afro-brasileiras e indígenas trabalhadas em sala de aula.

Para a produção dos dados, foram utilizados a observação participante, os registros em diário de campo, as falas das crianças, as produções infantis e os registros fotográficos. Esses instrumentos possibilitaram acompanhar a participação, as interações e as manifestações das crianças durante as atividades. A análise foi realizada de forma descritiva e interpretativa, considerando as experiências vivenciadas, as falas e as produções das crianças, com atenção aos aspectos relacionados à identidade, à autoestima, à representatividade e à valorização da diversidade étnico-racial.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa está fundamentado em estudos que abordam as relações étnico-raciais, o racismo e a educação antirracista desde a primeira infância. Nesse sentido, dialoga-se com as contribuições de Gomes (2017), Martins (2025), Ribeiro (2019), Cavalleiro (2024), Munanga (2005) e Nascimento (2022), bem como com as legislações educacionais, especialmente as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. Esses referenciais contribuem para a compreensão da importância de práticas pedagógicas voltadas à valorização da diversidade, à promoção da igualdade racial e ao enfrentamento do racismo no contexto escolar.

As Práticas Pedagógicas Antirracista na Educação Infantil

ISSN: 2358-8829

As práticas pedagógicas antirracistas na Educação Infantil são fundamentais para a construção de uma educação que reconheça e valorize a diversidade étnico-racial desde a primeira infância. Nesse sentido, Gomes (2017) afirma que "valorizar a identidade racial desde cedo ajuda as crianças a desenvolverem uma autoimagem mais positiva e fortalece sua capacidade de enfrentar as desigualdades que a população negra enfrenta ao longo da história". A autora destaca que, quando a escola reconhece a identidade negra desde a infância, contribui para a construção de uma autoestima positiva e para o fortalecimento do pertencimento das crianças negras, além de favorecer a formação de todas as crianças para o respeito às diferenças.

Essa valorização pode ocorrer por meio de ações pedagógicas que aproximem as crianças de histórias, personagens, brincadeiras, objetos e produções culturais afro-brasileiras e indígenas. Martins (2025, p. 68) exemplifica essa possibilidade ao relatar que "o uso da mala viajante é um projeto itinerante que leva livros e objetos representativos para serem explorados pelas crianças e utilização de pinturas com tintas naturais associando aos povos indígenas". Para a autora, "essas ações ajudam as crianças a terem contato com histórias que valorizam a cultura afro-brasileira, com personagens que se parecem com elas", promovendo "o orgulho pela beleza negra, pela cultura afro e pela história de seus antepassados" (MARTINS, 2025, p. 69). Tais experiências ampliam a representatividade no espaço escolar e permitem que as crianças reconheçam a diversidade como parte da sua história e da sua identidade.

Dessa forma, as práticas pedagógicas antirracistas não devem se limitar a datas comemorativas, mas fazer parte do cotidiano da Educação Infantil. Para Munanga (2005), a educação possui um papel importante no enfrentamento do racismo, pois pode desconstruir preconceitos e valorizar a diversidade humana como uma riqueza coletiva. Assim, ao utilizar literatura, brincadeiras, arte, rodas de conversa e outras linguagens, a escola contribui para a formação de crianças mais sensíveis às diferenças e comprometidas com o respeito e a igualdade racial.

A valorização da diversidade étnico-racial e o respeito às diferenças na infância

A valorização da diversidade étnico-racial deve estar presente desde a primeira infância, pois é na infância que as crianças começam a construir suas percepções sobre si mesmas, sobre o outro e sobre as diferenças. A escola desempenha um papel importante

nesse processo, ao oferecer experiências que reconheçam as identidades negras, indígenas e de outros povos, contribuindo para a formação de relações mais respeitosas e igualitárias. Para Gomes (2017), a educação antirracista implica reconhecer as diferenças e combater as desigualdades raciais, de modo que a escola possa promover o respeito à diversidade e a valorização das identidades étnico-raciais. Para Ribeiro (2019), o reconhecimento das diferenças é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, pois valorizar as experiências e as vozes de grupos historicamente marginalizados contribui para o enfrentamento das desigualdades raciais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram organizados em categorias analíticas, considerando as experiências vivenciadas, as falas, as interações e as produções das crianças durante as atividades desenvolvidas no projeto "A escola é o nosso quilombo: Identidade, representatividade e racismo". As categorias foram construídas a partir dos aspectos relacionados à identidade, à autoestima, à representatividade e à valorização da diversidade étnico-racial.

Reconhecimento da identidade e da autoestima infantil

Resultado:

Durante as rodas de conversa, com a contação de história *A pele que eu tenho*, de Bell Hooks, e a realização dos autorretratos, as crianças demonstraram interesse em falar sobre suas características físicas, suas famílias e suas preferências. Observou-se que algumas crianças passaram a nomear e valorizar a cor da pele, os cabelos e outras marcas de sua identidade. As produções artísticas evidenciaram diferentes formas de representação de si e do outro.

Discussão:

Esses achados indicam que as atividades favoreceram o reconhecimento da identidade e o fortalecimento da autoestima infantil. Para Gomes (2017), a valorização da identidade racial desde a infância é fundamental para a construção de uma consciência crítica sobre as relações étnico-raciais. Assim, o autorretrato e a roda de conversa não foram apenas atividades artísticas, mas instrumentos pedagógicos que permitiram às

crianças reconhecerem-se como sujeitos de direitos, com histórias, corpos e identidades que merecem respeito.

Representatividade afro-brasileira e indígena

Resultado:

A contação de histórias afro-indígenas, a mala viajante, a musicalidade, a dança afro-brasileira e a confecção de instrumentos musicais com materiais recicláveis proporcionaram às crianças o contato com saberes, expressões e referências culturais afro-brasileiras e indígenas. As crianças participaram ativamente das brincadeiras, das canções e das produções, demonstrando curiosidade e envolvimento nas atividades.

Discussão:

Os resultados revelam que a presença de referências culturais diversas contribui para ampliar a representatividade no espaço escolar. Quando a escola apresenta personagens, histórias, sons, danças e saberes de diferentes matrizes étnico-raciais, ela permite que todas as crianças se reconheçam como parte da história e da cultura brasileira. Nesse sentido, Ribeiro (2019) destaca que o reconhecimento das diferenças é essencial para a construção de uma sociedade mais justa, pois valoriza as vozes e as experiências de grupos historicamente marginalizados.

Respeito às diferenças e convivência entre as crianças

Resultado:

As conversas sobre cor de pele, cabelos, famílias, beleza e pertencimento favoreceram momentos de escuta e diálogo entre as crianças. Durante as atividades, foram observadas manifestações de cuidado, aceitação e respeito nas interações. Algumas crianças relacionaram as histórias e as produções realizadas às suas próprias vivências e às diferenças presentes no grupo.

Discussão:

Esses resultados sugerem que as práticas antirracistas podem contribuir para a construção de relações mais respeitosas na Educação Infantil. A escola, ao acolher as diferenças e problematizar preconceitos desde a primeira infância, cria condições para que as crianças aprendam a conviver com a diversidade. Conforme Munanga (2005), o enfrentamento do racismo na escola exige o reconhecimento da diversidade como riqueza

e a construção de práticas educativas que valorizem as diferentes identidades e culturas presentes na sociedade brasileira.

A escola como espaço de educação antirracista

Resultado:

As experiências desenvolvidas no projeto "A escola é o nosso quilombo: Identidade, representatividade e racismo" mostraram que a Educação Infantil pode ser um espaço de escuta, expressão, valorização cultural e enfrentamento do racismo. As atividades permitiram que as crianças participassem de forma lúdica, criativa e afetiva, por meio de histórias, músicas, danças, desenhos, colagens e autorretratos.

Discussão:

Os achados evidenciam que a educação antirracista não deve ser tratada como uma ação isolada ou eventual, mas como parte do cotidiano pedagógico. Para Nascimento (2021), o antirracismo deve estar presente nas ações cotidianas, pois envolve o reconhecimento das desigualdades e a valorização das histórias, culturas e identidades negras. Dessa forma, as práticas realizadas na Escola Municipal Prof. Helder Fialho Dias em Belém do Pará demonstram que é possível iniciar, desde a Educação Infantil, um processo de formação para o respeito à diversidade étnico-racial.

Participação das famílias no processo educativo

Resultado:

Durante as atividades e oficinas realizadas na escola, observou-se a participação das famílias, que acompanharam e vivenciaram diferentes momentos do projeto junto com as crianças. A oficina de tranças foi um dos momentos mais significativos, pois proporcionou trocas de saberes, valorização da cultura negra e desconstrução de estereótipos. A presença das famílias fortaleceu o vínculo entre escola, família e comunidade.

Discussão:

A participação das famílias demonstrou que a educação antirracista não é construída apenas dentro da sala de aula, mas também por meio do diálogo entre escola, família e comunidade. Quando as famílias participam das atividades, elas compartilham saberes, vivências e referências culturais, contribuindo para que as crianças percebam a

diversidade como algo positivo. A oficina de tranças, por exemplo, permitiu valorizar a cultura negra e desconstruir estereótipos, mostrando que práticas cotidianas podem ser espaços importantes de aprendizagem e respeito às diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste relato de experiência permitiu compreender que práticas pedagógicas antirracistas podem estar presentes na Educação Infantil de forma simples, lúdica e significativa. Por meio de rodas de conversa, histórias, músicas, danças, brincadeiras e produções artísticas, as crianças tiveram a oportunidade de falar sobre si, reconhecer suas identidades e respeitar as diferenças do outro.

A participação das famílias foi essencial nesse processo. Elas estiveram presentes nas atividades e oficinas realizadas na escola e contribuíram para fortalecer o diálogo entre escola, família e comunidade. A oficina de tranças, em especial, proporcionou momentos de troca e desconstrução de estereótipos, valorizando a cultura negra e os saberes das famílias.

Dessa forma, a experiência mostrou que a escola pode ser um espaço de escuta, acolhimento e valorização da diversidade étnico-racial desde a primeira infância. O projeto “A escola é o nosso quilombo: Identidade, representatividade e racismo” contribuiu para fortalecer a autoestima das crianças, ampliar a representatividade e estimular relações mais respeitosas. Espera-se que essa experiência possa inspirar novas práticas e pesquisas sobre educação antirracista na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil; Educação Antirracista, Diversidade Étnico-Racial, Práticas Pedagógicas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Brasília, DF: Presidência da República, 2003.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008.

GOMES, Nilma. Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MARTINS, Darciane. S. da S. Pequenos ouvidos, grandes consciências: vivências de educação antirracista na educação infantil. In: VASCONCELOS, André Felipe dos Santos; ROSÁRIO JÚNIOR, Arlindo Figueiredo do; SILVA, Cíntia Cardoso da; MARTINS, Darciane do Socorro da Silva. *A escola é o nosso quilombo: relatos de experiências da Escola Helder Fialho Dias na Ilha de Caratateua*. Belém: RFB, 2025. p. pág. 68 e 69 página.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? São Paulo: Pólen Livros, 2019.